

O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM INFANTIL

Luciara Pereira e Mônica Mezeche Neves

RESUMO[©]

O presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas relações e/ou diferenças a respeito da linguagem oral estabelecida por duas crianças de sexos opostos, de mesma faixa etária, isto é, 4 anos de idade. Através de um questionário direcionado aos pais das crianças e o envolvimento destas com histórias infantis, procuramos mostrar o quanto o ambiente familiar é importante na construção da linguagem oral das crianças e, principalmente, o quanto ele diferencia-se de acordo com o sexo da criança analisada.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da linguagem oral, Histórias infantis, Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

De acordo com a idéia de que, “a constituição da linguagem da criança é pensada como derivada da interação social, através de processos explicáveis pelo entendimento das origens do sujeito e transições desenvolvimentais sofridas” (Indursky, 2000, p.272), este trabalho preocupou-se em analisar o processo de desenvolvimento da linguagem oral de um menino e uma menina, de mesma faixa etária, dentro de seus reais contextos de comunicação, ou seja, seus lares, procurando desta maneira deixá-los o mais natural possível diante de nossa atividade proposta.

Para tanto, utilizamos para a nossa pesquisa historinhas infantis, escolhidas pelas crianças analisadas, um questionário direcionado aos pais e observamos o ambiente no qual essas crianças estão inseridas, pois, acreditamos que a maneira como a criança interage com o meio familiar e vice-versa, é fundamental no processo de desenvolvimento de determinados comportamentos, potencialidades criativas o que culminará no modo como ela articulará sua linguagem, seja através de diálogos com os familiares, seja na tentativa de contar uma narrativa infantil.

1 A escolha do corpus

A escolha do corpus direcionou-se em três características fundamentais: idade, sexo, estar ou não freqüentando uma instituição de ensino. Ambas as crianças já eram do convívio social de uma das componentes da dupla da pesquisa, o que acreditamos, ter proporcionado uma maior naturalidade nos atos de fala das crianças. Em relação à idade, as crianças foram escolhidas por terem 4 anos, ou seja, ainda não aprenderam a ler, entretanto, a menina, já freqüenta a escola, há 4 meses, enquanto que o menino, os pais preferiram aguardar mais um ano para inserí-lo num contexto escolar.

Uma outra questão que se levou em consideração na hora da escolha foi ao fato de que essas crianças pertencem a classes sociais um pouco diferentes, bem como, por elas apresentarem pais com graus diferentes de escolaridades, pois, conforme Vygotsky, os fatores biológicos têm preponderância sobre os sociais somente no início da vida da criança, já que são as interações com o grupo social, que passam a governar o comportamento e o desenvolvimento de seu pensamento, o que nos leva a acreditar que todas essas questões abordadas refletem no modo como essas crianças se posicionam através de suas falas.

3 Procedimento

3.1 Atividade proposta

Tendo em vista o objetivo principal de nosso trabalho, que é o de analisar alguns aspectos que são fundamentais no processo de desenvolvimento da linguagem oral das crianças, como já fora mencionado, utilizamos para desenvolver as nossas análises livros infantis, pois, pensamos que as crianças teriam o conhecimento de pelo menos alguma narrativa e, assim, poderíamos ter um acesso mais rápido à maneira como elas articulam suas falas frente a essas narrativas. Também decidimos realizar essa atividade na residência de cada uma delas, para que a criança não fosse prejudicada por não estar

num ambiente desconhecido, o que facilitou a observação de alguns aspectos como: interesse pela proposta, comportamentos apresentados durante a atividade, interferência da linguagem dos pais em suas narrativas.

3.2.1 A escolha da narrativa infantil

Visando uma maior possibilidade de entreter as crianças para a atividade proposta, deixamos a escolha das narrativas por parte delas. Sendo assim, cada uma escolheu livros infantis que já conheciam e tinham em suas residências.

A Manoela foi a primeira criança a ser analisada, portanto, ainda não tínhamos muita idéia de como seria o desenvolvimento dessa atividade, entretanto, tudo se encaminhou muito bem, pois, ela se mostrou bastante entusiasmada, chegou mostrando seus “livrinhos”, falando que eles vinham com CD’s e que ela adorava ficar escutando as historinhas.

A experiência com o João também foi tranqüila, mostrou-se super alegre, trouxe-nos uma grande quantidade e diversidade de livros, e dizia que “um era melhor que outro”, quis que nós lêssemos para ele, também quis nos incluir em outras atividades como ver filme e escutar suas músicas preferidas.

3.2.2 Considerações sobre a linguagem utilizada para contar a história

Primeiramente observou-se que a criança A (Manoela) tem consciência de como se introduz uma história infantil, conhecimento talvez adquirido pelo fato de ouvir as histórias de um CD e, normalmente, o começo destas é sempre muito parecido. Dessa maneira, quando se pediu para que ela contasse uma história, ela apenas fez a introdução, “– Era uma vez, assim vai começar uma linda história, que agora eu vou contar”. Contudo, quando chegou o momento de começar a contar, a criança afirmou que não sabia ou que não se lembrava de nenhuma historinha.

A criança, ao contar a história após a mediadora, repetiu exatamente o que está escrito no livro, em diversos momentos, deixando explícita a questão da imitação, esta, é entendida por Vygotsky, “não como mera cópia de um modelo, mas como reconstrução individual daquilo que é observado nos outros” (OLIVEIRA, 1998, p.62). Sendo assim, o que para muitos

pode ser entendido como falta de imaginação ou criatividade, é na verdade um processo necessário no desenvolvimento da linguagem da criança.

Entretanto, acreditamos que essa idéia de imitação deve ser explorada para que ela evolua e se torne um processo de reconstrução, de reelaboração, por parte deste indivíduo, dos significados que lhe são transmitidos pelo grupo cultural, e não simplesmente ser ignorada, pois de outra maneira, corre-se o risco dessa criança passar a ser apenas um indivíduo que imita o que vê, ou o que ouve, sem ao menos criar uma consciência de que ele é diferente dos demais e, portanto, não necessariamente, seus comportamentos serão iguais aos das pessoas de seu convívio social, sobretudo. Deve-se criar hábitos que incentivem esse tipo de criança a utilizar a sua imaginação e criatividade, valorizando toda e qualquer forma que demonstre alguma expressão de seu próprio conhecimento, pois dessa maneira estaríamos trabalhando a sua consciência individual que é fundamental no processo de desenvolvimento da psicologia humana.

Também foi interessante observar que a criança conhecia exatamente a seqüência da história, e não permitia que esta fosse alterada. Num determinado momento a mediadora substitui o nome de uma personagem por outra, e a criança prontamente a corrigiu.

Outro elemento observado foi a dificuldade de a criança A desprender-se da história que é contada no livro para ela por meio do CD. Ela só concordou em contar alguma história se antes a mediadora lesse para ela. Assim, após a leitura, a criança A começou a contar a história, falando exatamente o que foi lido a ela, ou seja, pode-se observar a contínua reprodução da fala do adulto por parte da criança, fugindo até mesmo do que é ouvido com freqüência no CD, levando mais em consideração a fala do adulto que está interagindo com ela. Como exemplo disso, no momento em que a mediadora estava contando a história e fez um comentário acerca de uma cor presente nas bolinhas na pele de um sapo, que no livro dizia serem vermelhas, e que a mediadora comenta que parecem ser na verdade laranjas. Assim, quando a criança contou a história, na parte em que aparece o sapo com as manchas ditas vermelhas, a criança repetiu a observação feita pela mediadora com as mesmas

palavras “– Isso parece laranja! Mas é laranja mesmo! Não é vermelho!”.

Enquanto a menina contava história, ela observou as imagens e, em cada página, destacou um elemento que mais lhe chamava a atenção. Inicialmente ela destacou sucessivas vezes que a bruxa tinha uma grande verruga, depois ela ressaltou o fato da bruxa da ilustração ter só um dente, informação que não está apresentada na história. Assim, ela vai destacando elementos centrais, tais como, “tem sapatos esquisitos”, “essa é a bruxa Miúxa”, “tem um gato chamado arrepio”, “Nas suas receitas usa asinhas de morcego e papa de dagão. Isso já é demais!”, “Vai lá fora e pega essas borboletas e transforma em bolinhas vermelhas”, “Não tenha medo, essa bruxa mora na nossa mimaginação”.

Foi possível observar que a menina manteve a ordem da história e a reconheceu pelas figuras. Ela também soube destacar a informação central de cada página. A palavra *imaginação* não faz muito sentido para a criança, por isso, ela repetiu duas vezes *mimaginação*, talvez porque seja isso que ela consegue apreender quando ela ouve a historinha contada pelo CD, o que só ressalta o fato de que ela ainda não internalizou o sentido dessa palavra.

Outro elemento, que pode ser influência do CD ou do ato de uma pessoa presente contar uma história, é a entonação que é dada para a narrativa. A criança falou pausadamente, fazendo adequadamente as exclamações e as pausas enquanto foi virando as páginas e apontando os elementos com o dedo. Decorre-se disso, que mesmo sendo um processo inconsciente, a criança A reconhece que há diferença quanto à fala de quem conta a história em determinadas situações, e, portanto, ela age da mesma maneira quando essas situações aparecem. Contudo, sua desenvoltura em narrar a historinha, só ocorreu depois de um certo tempo, pois, anteriormente, a criança A falou muito baixo e não dava para entender o que ela pronunciava, demonstrando o seu constrangimento diante de um estranho e uma estratégia para não demonstrar que não lembrava de algumas partes da história, quando lembrava, voltava a falar num tom de voz normal.

Já com relação à criança B (João), observou-se, inicialmente, a indisposição em contar uma história, contudo ela conhecia várias narrativas e tem contínuo contato com histórias que ela

afirma serem contadas pela mãe. A criança B tentou conversar sobre várias coisas, e evitou continuamente contar alguma história, dizendo “– Eu não sei lê”, “– Eu não vô lê, só vô ouvi”. Entretanto, após muitas tentativas, o menino pegou um livro, intitulado **Sansão e Dalila**, e disse resumidamente que a força de Sansão estava em suas tranças, que foram cortadas, “mas um dia cresceu de novo as tranças dele”, com isso, ele demonstrou que já tem uma considerável capacidade de sintetizar idéias.

Assim, como se insistiu para que a criança B contasse uma história, ela começou a contar uma “extremamente imaginativa”, que ela afirmava ser “assustadora de noite, mas de dia não era”. Então ela contou, gesticulando muito, “era de um zumbi, mas tinha um tigre que arranhava, arranhava..., mas não era um tigre, era um leão, o rei leão”. Percebeu-se que ela associou essa história com outra bem conhecida e que possuía em casa, demonstrando sua capacidade de estabelecer relações. Também se percebeu, sua criatividade, seu dinamismo e sua curiosidade em relação a tudo, é, pois, uma criança muito ativa e comunicativa.

Em seguida, remexendo entre seus livros, ela encontrou outra história que disse ser sua preferida, “A da mão!”, nota-se que ela associou o desenho da capa com a história, as figuras são um meio de identificá-las. Então ele pediu à mediadora que contasse a história para ele. Quando a esta começou a contar, logo se percebeu que o menino conhecia a seqüência da história, sendo que esta era bem longa e complexa para sua idade. Inicialmente, ao observar uma parte do livro onde aparecia a Terra, a lua e o sol ele falou: “– Ah! Eu nunca vi a lua, a Terra e o sol!”, “Ai, tá quente!”, “Que coisa! Tava queimando, quase virou fogo o meu dedo!”, depois que a página foi virada ele disse: “– Tá queimando aquela página!”. Com essas colocações, a criança demonstrou sua capacidade de reconhecimento como de que o sol é quente como o fogo, e que ele pode se queimar se o tocar.

Em seguida, a mediadora contou a história até um pedaço, e ele completou falando exatamente o que está escrito no livro, evidenciando sua capacidade de memorização e de seqüenciação da narrativa:

Mediadora: [...] Este jardim recebeu o nome de ...

Criança:..Édem!

Mediadora: Nele havia muitas árvores...

Criança:...frutíferas!

Mediadora: A única árvore da qual Adão não poderia comer era...

Criança:... a árvore do conhecimento do bem e do mal!

Assim a criança seguiu toda a história, completando as frases exatamente como estavam no livro. Após contar a história, ele alegou estar cansado e não queria mais contar ou ouvir histórias. Então, ele foi ouvir música clássica. Perguntamos se ele realmente gostava daquela música, e ele respondeu afirmativamente. Esse contato com a música também pode ser um elemento que favoreça seu desenvolvimento tanto de linguagem quanto cognitivo.

Observando a forma como as duas crianças se relacionam com histórias infantis, observou-se que elas consideram que contar uma história é falar exatamente o que está escrito no livro, por isso escolhiam livros que já haviam conseguido memorizar a seqüência narrativa. REGO (1985) afirma que é por meio desse processo que as crianças adquirem a linguagem dos livros.

3.2.3 O comportamento das crianças no decorrer da atividade proposta

Durante o procedimento da atividade procuramos observar a maneira como as crianças analisadas, comportaram-se diante da atividade proposta. Assim, foi possível perceber que houve uma certa diferença entre a menina e o menino.

A menina demonstrou um comportamento bem mais calmo, permaneceu sentada durante toda a atividade, se mostrou concentrada na maior parte do tempo, na tentativa de contar a historinha que ela mesma havia escolhido, porém, mostrou-se um pouco encabulada com a presença de uma das mediadoras, pois ela não a conhecia. Já o menino, apresentou-se como sendo uma criança bastante agitada e inquieta. Ele não agüentou por muito tempo a proposta de contar uma historinha, e durante atividade, queria fazer outras coisas como mostrar seus DVD's, seu piano, etc.

Talvez, tenha sido mera coincidência, o fato de a menina ter se apresentado mais tímida e o menino mais agitado, todavia, acreditamos que muito de seus comportamentos são influenciados pela maneira como eles são educados pelos seus

pais. Entretanto, não podemos alegar esses comportamentos somente a isso, pois afinal de contas, não temos um contato diário com essas famílias, bem como, sabemos que a genética é algo que também deve ser considerado quando questões desse tipo são levantadas.

3.2.4 Questionário

Por meio do questionário, objetivou-se sondar informações relacionadas tanto às crianças quanto aos seus pais, no qual se procurou fazer com que o pai/mãe respondesse as questões propostas. Com base nesse questionário, tentamos compreender que tipo de relação há entre pai/mãe e filho, buscando, a partir dos resultados, averiguar se essa interfere na aquisição e desenvolvimento de linguagem da criança.

Na primeira parte do questionário pediu-se para que o pai/mãe identifique a data de nascimento, grau de escolaridade e profissão. Já nessas informações percebeu-se uma grande diferença entre a mãe de A (Manoela) e o pai de B (João). A mãe da criança A tem em média trinta anos a mais que a filha, tem segundo grau completo e é costureira. O pai da criança B tem cinquenta e quatro anos a mais que o filho, tem ensino superior e é professor universitário aposentado. Contudo, essas diferenças, quanto à idade e grau de escolaridade, não são necessariamente os elementos que determinam o grau de desenvolvimento da criança, sua interferência é mais sutil. Talvez o elemento que mais interfira, nestes casos, seja a profissão, pois, por ser um professor aposentado, o pai de B tem maiores cuidados quanto ao comportamento e a aprendizagem do filho, já a mãe de A, não parece se dedicar muito em ensinar a filha, pois deixa implícito, no questionário, que essa é a função da escola.

Outra diferença muito evidente entre as crianças é quanto ao início do processo de aquisição de linguagem, a criança A começou a falar com um ano e quatro meses, já a criança B começou com nove meses, evidenciando a desigualdade do desenvolvimento lingüístico que está bem marcada na fala dos dois até o presente momento.

Quanto às brincadeiras prediletas da criança A, a mãe apontou que é brincar na pracinha, andar de bicicleta e desenhar, deixando muito evidente serem atividades que podem ser realizadas sem ter necessariamente a companhia

de outra criança. Já a criança B, por ser menino, gosta de brincar de lutas, atividade que normalmente exige a companhia de outra criança. Assim, pôde-se verificar que a socialização com outras crianças é fundamental para o desenvolvimento de linguagem, pois a criança A não conseguiu se comunicar de maneira proficiente e ficou retraída diante de pessoas desconhecidas, já a criança B apresentou uma capacidade de socialização impressionante, a ponto de não estranhar a presença de pessoas desconhecidas, comportando-se de maneira semelhante tanto com a mediadora conhecida quanto a que ele ainda não conhecia.

A influência da fala adulta está presente em ambas às crianças, contudo, a criança A, que constantemente reproduziu a fala do adulto de forma direta, muitas vezes não as aplicou a um contexto adequado, utilizando também a fala que está presente em desenhos animados, pois esta criança tem muito tempo de contato com a televisão. Já a criança B, mostrou, mais significativamente, trejeitos da oralidade do pai, mas em nenhum momento os utilizou fora do contexto em questão. Com relação à questão que procura saber sobre o diálogo durante as refeições, percebeu-se que em A há uma tentativa de estabelecer diálogos, porém, esse não é um fator que determina diferença de desenvolvimento com relação à criança B, pois, apesar desta não ter diálogo durante as refeições, não se observou nenhuma espécie de comprometimento em relação ao seu desenvolvimento lingüístico, pois o pai deste permanece grande parte do dia junto de seu filho.

Quanto à relação que as crianças A e B estabelecem com outras crianças, percebeu-se que há uma grande diferença na natureza dessas relações. Em A, as relações são mais formais, pois se estabelecem na escola, sendo um lugar onde o contato entre as crianças ocorre num ambiente regido por normas estabelecidas. A relação de B com outras crianças é de natureza informal, é em momentos de festas e encontros familiares, havendo predominância de um clima de descontração e de confraternização, não havendo as normas que há no ambiente escolar, propiciando assim, maior liberdade nas brincadeiras e nas atividades realizadas com outras crianças.

Um dos motivos que pode ser responsável pela criança B ter um maior domínio de

linguagem e a utilizar com proficiência é o fato desta conviver com a irmã de faixa etária aproximada, fazendo com que haja uma relação entre pares conversacionais. Além disso, o pai conversa com a criança utilizando uma linguagem bem acessível a esta, o que não ocorre entre a criança A e sua mãe. Essa justificativa pode ser confirmada por REGO (1985, p.105),

Não eram os adultos que dirigiam os tópicos da conversação e que dirigiam sistematicamente os erros da criança os que mais contribuíam com as evidências de que a criança necessitava para progredir em linguagem, mas antes aqueles que a travam como um parceiro conversacional, expandindo os tópicos que eram introduzidos por ela na conversação.

já que a criança A possui um nível de conhecimento e domínio de linguagem inferior ao da criança B, talvez por essa, ter contato com crianças apenas na escola, e a mãe dirige-se a ela como se ela fosse uma adulta e não como um par conversacional.

Ainda em relação a essa criança, pareceu-nos que o seu contato com outras crianças é substituído pelo contato com a televisão, pois ela, assiste à programas infantis o dobro do tempo que B. Talvez isso, pode justificar uma certa dificuldade na expressão, na comunicação e no desenvolvimento da criatividade, pois a criança torna-se passiva, não tem uma visão crítica em relação àquilo que vê e não tem ninguém que a oriente sobre isso.

O ato de ouvir histórias também é um forte elemento que contribui para a aquisição de linguagem oral e escrita, pois, conforme REGO (1985, p.106), "os hábitos de leitura com as crianças na família podem ser preditivos do sucesso ou do fracasso escolar de algumas crianças". Observa-se com relação à criança A, que a mãe afirma ler histórias uma vez por semana, que o maior contato da menina com as histórias é por meio do CD, ou seja, é uma leitura distante e individual, que não a induz a pensar sobre os elementos da história, tornando a leitura um processo mecanizado. Já com relação à criança B, há um contato mais contínuo e próximo das narrativas, pois o ato de contar histórias é realizado pelos pais todas as noites, os quais, induzem a criança a ver e a pensar sobre a história, auxiliando-a, assim, a ter um pensamento mais crítico e criativo.

Outra questão colocada aos pais foi se a criança freqüenta a escola. A criança A freqüenta, no entanto, a B não. Entretanto, a criança B, apesar de não freqüentar a escola, ela tem um contato diário com materiais didáticos e é estimulada a pensar. Isso se liga à pergunta seguinte, que levantava a questão sobre o que os pais esperam da escola, sendo que a resposta torna bem explícito que os pais esperam que a escola seja responsável pela formação geral da criança e que a estimule a continuar estudando.

A última questão feita aos pais é o que eles fazem ou pretendem fazer para ajudar no desenvolvimento dos filhos, o pai de B destaca a tentativa de aproximar a criança dos brinquedos e tentar moldar o comportamento do filho, portanto, tem-se uma resposta objetiva e que de fato pôde ser observado na relação entre o pai e a criança. Já a mãe da criança A, deixa a responsabilidade para a escola, e dá uma resposta extremamente vaga e abstrata sobre o que faz para ajudar a filha a desenvolver-se, preocupando-se mais com o resultado, quer que a filha possa se *"tornar uma pessoa decidida e inteligente"*.

Ainda, com relação ao ambiente familiar no qual as crianças estão inseridas convém destacar que em A, a mãe permanece muito tempo com a filha, contudo não procura dar-lhe uma atenção maior, pois a criança fica em frente à televisão ou ouve histórias pelo CD. A mãe cobra da filha um comportamento de adulto, fator que está refletido inclusive na fala da criança, que constantemente reproduz o que os adultos que estão à sua volta falam. Já o pai de B cobra da criança um comportamento adequado para a idade de seu filho, respeitando suas limitações por este ser apenas uma criança.

A partir da análise do questionário verificamos as dissonâncias entre a forma de agir e de pensar da mãe de A e do pai de B. O pai mostra-se mais preocupado e envolvido com as atividades diárias do filho, orientando-o continuamente, já a mãe não se dedica muito a isso, deixando mais para a escola, para a televisão e para o CD de historinhas a responsabilidade de ajudar no desenvolvimento da criança. Esses posicionamentos têm conseqüências bem evidentes nas crianças. Como já mencionado, a criança A não conversa muito, não mantém a exposição de um assunto coerentemente e às vezes fala as coisas pela metade. Já a criança B

comunica-se muito bem, tendo a capacidade de desenvolver e retomar os assuntos que está falando com facilidade.

Convém destacar que não se sabe exatamente até que ponto os pais foram sinceros ao responder o questionário, pois muitas vezes sabe-se que as pessoas respondem aquilo que consideram e sabem ser o correto, não sendo necessariamente o que eles praticam no cotidiano. Mas pelo que se pode observar, muitas das informações estão de acordo com a realidade, possibilitando que o questionário tenha tido validade para a análise do desenvolvimento de linguagem e cognitivo das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos analisar a linguagem de crianças de 4 anos de idade e de sexos opostos, a partir da proposta de elas nos contarem narrativas infantis, a fim de que pudéssemos avaliar suas capacidades de se comunicarem através dessas narrativas e através de suas falas cotidianas. Também, optamos por fazer um questionário com os pais, e nos deslocamos até seus lares, pois, concordamos com a idéia de que "Os processos mentais das crianças são formados sob influência dos adultos que as cercam" (Wertsch, 1991). Conforme Vygotsky, (FREITAS, 1999, p.97) "a linguagem é um fator importante para o desenvolvimento mental da criança, exercendo uma função organizadora e planejadora de seu pensamento, ela tem também uma função social e comunicativa", daí a importância de termos feito nossa análise nos lares das respectivas crianças.

Desta maneira, concluímos que a linguagem das crianças é algo muito influenciado pelo meio em que ela está exposta, e, principalmente, devido às interferências dos pais nesse processo de aprendizagem. Sendo assim, observamos que os pais têm o papel fundamental de expor as crianças ao maior número de atividades que proporcionem a elas um contato maior com demais tipos de fala, isto é, de pessoas, de histórias, de brincadeiras, etc, pois, através de nosso trabalho, temos a certeza de mesmo que as crianças tenham uma estrutura biológica em perfeitas condições de exercer atividades como a fala, a escrita, dentre outras habilidades, sem a ajuda e, principalmente, o incentivo das pessoas que as acompanham diariamente, seus

rendimentos serão diferenciados e, até mesmo, às vezes, prejudicados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLETCHER, Paul, Mac Whinney, Brian. **Compêndio da Llinguagem da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin- Psicologia da educação: um intertexto**. São Paulo: Ática, 1999.

INDURSKY, Freda; CAMPOS, M. da C. (orgs). **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzato, 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Aprendizado e desenvolvimento – Um proceso sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 4ªed., 1998.

REGO, Lúcia Browne. **Descobrimdo a língua escrita antes de aprender a ler**. 1985.

STAMM, Melissa Probst. **Perdendo o medo da Bruxa**. Blumenau, Santa Catarina: Ed. Sabida.

NOTA

© Trabalho desenvolvido na disciplina de Psicolingüística, orientado pela Profª Maísa Borin. Alunas do 6º semestre do curso de Letras Português e respectivas Literaturas.